

## **Transtornos alimentares como modelos de subjetivação na contemporaneidade**

**Aline Cristina Coladello Rodrigues**

**Marina Coimbra Casadei**

**Maria Camila dos Santos Caetano<sup>1</sup>**

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Assis

Tem-se um alto índice, na sociedade pós-moderna, de casos envolvendo a distorção da autoimagem corporal e consequentes transtornos alimentares graves, como a anorexia e bulimia nervosa, sendo que, nos últimos 20 anos, esse índice veio a dobrar. A crescente associação de beleza, sucesso e felicidade com um corpo magro tem sido a principal causa de muitas pessoas aderirem a dietas abusivas, entre outras práticas absurdas, para controle do peso. Importante ressaltar que nem sempre os padrões estéticos priorizaram a silhueta magérrima, como é feito atualmente. Logo, não há como ignorar essa constante batalha contra si mesmo, tendo em vista que tal visão distorcida de padrões constitui um problema de saúde-pública, na contemporaneidade.

Na Grécia Antiga, o corpo era valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade (Garrini, 2007).

Na Idade Média, toda e qualquer preocupação com o corpo era proibida. Evidencia-se a separação do corpo e da alma, prevalecendo, à força, a segunda sobre o primeiro. O corpo tornou-se culpado, perverso e necessitado de purificação.

No Período Renascentista, a concepção de corpo difere das anteriores, pois começa a haver preocupação com a liberdade do ser humano. Acontece a redescoberta do corpo, principalmente, no que diz respeito às artes, em que o corpo nu aparece, com destaque às formas femininas altas, com cintura fina e quadris largos.

Do século XVII ao início do século XX, mais precisamente até 1910, evidencia-se a beleza em mulheres de corpos roliços com covinhas, dobras na cintura e nos braços, seios opulentos e coxas grossas.

No século XX, o ser humano fica cada vez mais atrelado à técnica e à tecnologia. As mudanças pelos ideais do corpo acontecem cada vez mais rapidamente, principalmente com o surgimento dos meios de comunicação de massa. Na década de 20, a mulher tem sede pela sua independência, e começa o uso de cabelos curtos e roupas mais esportistas. Com a chegada da década de 30, aparecem os regimes de emagrecimento e as primeiras mulheres langorosas e longilíneas. Entre as décadas de 40 e 50, o ápice da beleza está associado com as modelos *pin-up*, caracterizadas por coxas e seios bem delineados, sendo considerados estes o objeto de desejo da grande maioria

---

<sup>1</sup> Graduandas do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP

dos homens. Com o aparecimento da modelo Twiggy, em 60, ocorre a revolução do padrão de beleza ideal; voltam com ênfase os regimes de emagrecimento, os cabelos bem curtos, feições faciais delicadas como que de bonecas e corpo magérrimo, sem curvas nem seios e coxas definidos. De 1970 a 1980, a beleza era vista nas mulheres altas, esportistas e atléticas, de corpo malhado e bem definido em função dos exercícios físicos. Já na década de 90, retomam-se os padrões de beleza sobre as mulheres infantilizadas, consideradas andróginas, de corpo magérrimo e características sexuais, como os seios, coxas e curvas, apenas secundárias.

Em uma correlação com o pós-modernismo, Sant'Anna (1995 apud Garrini, 2007) nos diz:

Apesar das agruras do magro, ele não contradiz o fascínio atual pela velocidade e pela transparência. Em algumas culturas pouco dadas à apreciação da gordura, a magreza torna-se solidária ao antigo imaginário da limpeza, constituído pelo fascínio diante da transparência e do repúdio perante a acumulação.

E Garcia (2005 apud Garrini, 2007) afirma:

Do natural ao artificial, do úmido ao seco, da matéria ao espírito, do orgânico ao maquínico, o debate a respeito do corpo parece efervescente, sobretudo pela complexidade tenaz que se expõe no contemporâneo. Presenciam-se as (trans/de) formações do corpo e, com elas, instauram-se “novas/outras” mediações entre cuidar da aparência física e de sua representação sociocultural. Não nos cabe julgar os artifícios de (trans/de) formação do corpo, apenas reconsiderá-los como prática discursiva na ordem da espetacularização corpórea.

Maria Rita Kehl, em seu artigo *Com que corpo eu vou?* (2004, p. 174) afirma que o corpo é a primeira condição para que alguém seja feliz. O corpo-imagem que o indivíduo apresenta diante do espelho da sociedade vai determinar a sua felicidade, não por despertar o desejo ou o amor de alguém, mas por construir o objetivo privilegiado do amor-próprio, a tão propagada autoestima, a que se reduziram todas as questões subjetivas, na cultura do narcisismo.

Algumas das principais características da pós-modernidade, como a fragmentação do sujeito, o excesso, o individualismo, o corpo andrógeno, a lógica das superfícies, o imediatismo, o gozo extremo, entre outras, são explicitamente percebidas nos modelos de subjetivação da anorexia e bulimia.

Casos de anoréxicas são relatados desde antes da Idade Média. Contudo, ao contrário do objetivo atual de exaltar a magreza como a forma do mais belo, em tais épocas, a anorexia era sinônima da grande religiosidade de algumas mulheres. Porém, desde então, é possível observar a questão do corpo excessivamente magro, seco, negando todos os caracteres sexuais femininos, com formas infantilizadas, sendo esse fato uma das imposições da nossa cultura pós-moderna. Pode-se enfatizar que, desde a modernidade, anorexia aparecia como uma das formas de renúncia da própria sexualidade, o que se encaixa também no modelo do corpo andrógeno atual.

A lógica do excesso na anorexia se faz pelo “excesso de nada”; é o “estar cheio de vazio”. É possível fazer um parâmetro com o contemporâneo, onde há muito de tudo, e o

anoréxico é o sujeito do paradoxo, pois quer muito do nada. Já na bulimia, o excesso é marcado pelos episódios de ingestão de alimentos de forma compulsiva e descontrolada. É o querer o tudo de tudo que lhe é oferecido. Apesar do autocontrole que o modelo de subjetivação da bulimia instaura, o excesso é sua marca principal.

Tanto a anorexia como a bulimia são expressas direta e excessivamente no corpo. Até existe um significante simbólico por trás de ambas, como a negação da sexualidade, do desenvolvimento, na primeira, e preenchimento de um vazio existencial, na segunda, mas essas marcas simbólicas são secundárias. A satisfação imediata, o gozo, vem do prazer de não comer e se exercitar constantemente, ou em comer imediatamente tudo que se vê pela frente. Não há elaboração de desejo: este é instantaneamente realizado.

Outro ponto em relação ao corpo é que, para ambas as subjetivações, o desejo está exposto e é sentido na superfície, na superfície do corpo, na pele. O contemporâneo é a cultura do superficial, e tais subjetivações de fato o priorizam, ignorando o interno, o profundo, como até mesmo o funcionamento dos seus órgãos internos.

A individualidade dos sujeitos anoréxicos e bulímicos é notável. Seus atos são individuais, não há necessidade da participação de alguém. O indivíduo realiza seus desejos de forma solitária e, especialmente nos casos de bulimia, ainda o faz propositalmente.

O principal marco para tais modelos de subjetivação contemporâneos é que estão ligados totalmente à cultura do narcisismo em que vivemos. O sujeito narcisista não busca o outro como diferente, mas sim como projeção de si mesmo, pois nada lhe falta, ele é suficiente. A anorexia nos mostra indivíduos extremamente voltados para si mesmos, de tal modo que, ao apenas se enxergar, acaba por fazê-lo de forma distorcida. O próprio Eu é objeto de desejo. O indivíduo se autoinveste. Isso é nítido na nossa cultura do corpo e, mais ainda, na causa de modelos de subjetivação que existem em função exatamente do próprio corpo.

A ordem do sujeito contemporâneo é que ele é o que ele consome, muito mais do que o que ele produz. Tem-se, por conseguinte, o sujeito “vazio do mundo”, no caso da anorexia, e o sujeito com “fome do mundo”, no caso da bulimia.

## **Referências**

- Braga, J. (2004). (2004). História da moda, uma narrativa. In K. Castilho (coord.). *Coleção moda e comunicação* (2a ed.). São Paulo, SP: Anhembi Morumbi.
- Garrini, S. P. F. (2007). *Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa*. Congresso Nacional de História da Mídia, 5, São Paulo.
- Kehl, M. R. (2004). Com que corpo eu vou? In E. Bucci & M. R. Kehl (orgs.). *Videologias*. São Paulo: Boitempo.

Moutinho, M. I. & Valença, M. T. (2005). *A Moda no século XX*. Rio de Janeiro, RJ: Senac Nacional.

Paim, M. C. C. & Strey, M. N. (2004, dezembro). Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Lecturas: EF y Deportes revista digital*, 79. Acessado em 17/11/2009, do <http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>.

*Recebido: 17 de dezembro de 2009.*

*Aprovado: 15 de janeiro de 2010.*